



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO 145  
JULHO  
AGOSTO 2013



**CAM** 30 anos

**ENTRADA**

## 4

### **CAM, 30 Anos**

No dia **25 de julho**, o Centro de Arte Moderna comemora o seu 30.º aniversário com um dia cheio de iniciativas e momentos especiais. Uma nova exposição trará a obra de Amadeo de Souza-Cardoso de regresso ao espaço do Centro, além de várias instalações, leituras e um concerto de Maria João. Recordamos nesta Newsletter a história do nascimento do CAM, que começou a 22 de agosto de 1979 quando o Conselho de Administração decidiu criar “um centro de pesquisa e divulgação nos domínios da Arte Moderna”.



Amadeo de Souza-Cardoso, *Cozinha da Casa de Manhufe*, 1913



© Mária Tessa

## 11

### **Novo centro interpretativo do Jardim Gulbenkian**

A inauguração está marcada para o dia **19 de julho** e o centro receberá o nome de Gonçalo Ribeiro Telles, arquiteto que concebeu, juntamente com Viana Barreto, o espaço e a paisagem do Jardim. Além do centro, que mostrará o jardim em 10 Andamentos, o espaço vai também ter uma geladaria com esplanada. O dia 19 será ainda uma oportunidade para evocar a recente distinção internacional atribuída a Ribeiro Telles pela Associação Internacional de Arquitetos Paisagistas.

## 13

### **Orquestra XXI – uma Ideia de Origem Portuguesa**

São jovens músicos no estrangeiro e criaram um projeto para a dinamização da música erudita em Portugal. A Orquestra XXI foi a vencedora da 2.ª edição do FAZ-Ideias de Origem Portuguesa destinado à diáspora e para os jovens que integram a orquestra, este projeto quer mostrar que “a música não é um luxo, mas uma necessidade”.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 145.JULHO.AGOSTO.2013 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Ana Barata | Ana Mena | **DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX]  
**REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Amadeo de Souza-Cardoso, Título desconhecido (*Entrada*), 1917  
**IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TRAGEM** 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00  
info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

## IGC e Merck em parceria

A Merck vai cooperar com o Instituto Gulbenkian de Ciência durante os próximos três anos na gestão e comercialização da sua propriedade intelectual. A Merck e o IGC assinaram em junho um acordo para colaboração, licenciamento e opção na área da propriedade intelectual gerada pelo IGC. Além do aproveitamento das patentes já existentes, este acordo pretende promover os projetos de investigação do instituto.



Peter Evans © FCG, Joaquim Mendes, 2009

24

## Jazz em Agosto – 30ª edição

De 2 a 11 de agosto, voltam a ouvir-se os sons do Jazz em Agosto no Anfiteatro ao Ar Livre. Este ano, o festival comemora 30 edições e também se associa ao 30.º aniversário do Centro de Arte Moderna com o concerto de Maria João e o seu novo projeto Ogre. Uma forma de relembrar a abertura da 1.ª edição, no dia 1 de agosto de 1984, com o primeiro concerto realizado pelo Quinteto Maria João. Até dia 11, não vão faltar motivos para assistir ao festival.

28/31

## Próximo Futuro

### Exposições e espetáculos

Dia 7 de julho a programação de espetáculos do Próximo Futuro termina no Anfiteatro ao Ar Livre com o concerto de Konkoma, uma banda com raízes no Gana. Até lá, mais música, teatro e dança prometem animar as noites da cidade. Na Sede da Fundação, as exposições *Encontros de Bamako* e *Present Tense* mostram realidades africanas distintas, pelo olhar de mais de meia centena de fotógrafos. Para ver até dia 1 de setembro.



Daniel Naudé, *Quagga*. Elsenburg, Stellenbosch, Western Cape [Animal Farm], 2009-2010

## índice

### primeiro plano

- 4 **O nascimento do CAM**
- 7 **A festa dos 30 anos**

### notícias

- 10 **Prémio Gulbenkian**
- 11 **Novo centro interpretativo do Jardim Gulbenkian**
- 12 **Jacques Delors – o regresso da Grande Europa**
- 13 **Orquestra XXI – uma Ideia de Origem Portuguesa**
- 14 **Filme português estreia no Louvre**
- 14 **Concertos em parceria com a Misericórdia de Lisboa**
- 15 **Cooperação com o Abu Dhabi**
- 15 **Apoio ao ensino secundário em Timor**
- 16 **IGC e Merck assinam acordo**
- 16 **A ciência num festival de música**
- 17 **Os mecanismos da formação do tronco e da cauda nos vertebrados**

### 18 breves

### bolseiros gulbenkian

- 20 **Mariana Caló**

### um outro olhar

- 22 **Fernando Ramos**

### em julho/agosto

### música

- 24 **Jazz em Agosto – 30ª edição**

### exposições

- 28 **África presente**

### espetáculos

- 31 **Teatro e música a fechar os espetáculos do Próximo Futuro**

### 32 novas edições

- 33 **catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

### uma obra

- 34 **Figura monumental de Jean d'Aire vestido**





Cerimónia de inauguração do CAM, em julho de 1983, com o presidente da Fundação, José de Azeredo Perdigão, a discursar na presença de António Ramalho Eanes, Mário Soares, Alberto da Mota Pinto, Manuel Tito de Morais e Armando Marques Guedes © Júlio Almeida

## O nascimento do CAM

**N**uma manhã quente de verão do ano de 1979, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, presidido por José de Azeredo Perdigão, reunia para uma sessão extraordinária. Vários administradores interromperam as suas férias para participar na reunião, agendada para dia 22 de agosto, um mês pouco habitual para encontros do Conselho. Ninguém faltou à convocatória, que teve a particularidade, ainda, de ter sido alargada a um antigo administrador, Kevork Essayan, genro de Calouste Gulbenkian, convidado a estar presente na ocasião. As circunstâncias invulgares que rodearam esta reunião refletiam a relevância da agenda: seria discutida a criação nos espaços da Fundação de um Centro de Arte Moderna, cujas bases gerais tinham sido avançadas num despacho

do próprio presidente, distribuído algum tempo antes aos membros do Conselho.

Depois de um animado debate em que todos expuseram os seus pontos de vista (Kevork Essayan foi também convidado pelo presidente a manifestar a sua opinião), verificou-se, de acordo com a ata da reunião, “um consenso unânime do Conselho” para se “construir, equipar e manter, com fins essencialmente pedagógicos e de animação cultural, um Centro de pesquisa e divulgação nos domínios da Arte Moderna”. Esse centro, a construir no Parque Gulbenkian, iria ter por base “uma exposição permanente das obras propriedade da Fundação ou que viesse a adquirir” e ainda “exposições temporárias de artistas nacionais e estrangeiros ou pertencentes a colecionadores particulares”. Quanto

ao edifício, ficou decidido que viria a ter um “caráter polivalente, incluindo instalações para animação cultural – encontros de artistas, debates, espetáculos audiovisuais, performances –, para documentação e arquivo de Arte Moderna e, eventualmente, para ateliês experimentais”. A decisão foi tomada uma década depois da construção da sede, mas a ideia de criar um museu para acolher obras adquiridas pela Fundação (ou doadas) esteve presente desde o início. Chegou mesmo a ser pedido um primeiro estudo de um edifício para esse fim aos arquitetos responsáveis pelo projeto da Sede e Museu, Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy d’Athoughuia. A ideia só não foi por diante porque a construção dos edifícios da Fundação e o prejuízo causado pela grande cheia ocorrida em novembro de 1967, e que matou e desalojou centenas de pessoas em Lisboa e em Oeiras, absorveram o esforço e os recursos da Fundação. Desta intenção ficou apenas um estudo de volumes, de que existe ainda uma maquete.

### UMA COLEÇÃO EM CRESCENDO

Entretanto, o acervo de obras da Fundação ia aumentando consideravelmente através das aquisições realizadas pelo Serviço de Belas-Artes e, mais tarde, por uma Comissão de Compras presidida pelo próprio Azeredo Perdigão, tornando prioritária a construção de um espaço para permitir a sua exposição pública. Ao mesmo tempo, importantes doações enriqueceram-na extraordinariamente: o conjunto de obras de Amadeo de Souza-Cardoso, Bernardo Marques, António Areal (e mais tarde de Ana Hatherly, Fernando Calhau e António Palolo, entre outros) são os exemplos mais relevantes desse inestimável contributo. Artistas como Sonia Delaunay, Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes doaram também obras suas ao CAM, destacando-se



Interior do CAM em fase de construção

ainda, nessa primeira fase, a figura do colecionador Jorge de Brito, não só pelas obras que doou, como também porque parte da sua coleção de arte ímpar foi adquirida pela Fundação. Muitas obras foram também sendo compradas como apoio ou estímulo a artistas, contribuindo para um contínuo crescimento da coleção.

### UMA ANTEVISÃO DA COLEÇÃO

A primeira apresentação pública do acervo do CAM nem esperou pelo novo edifício: deu-se em 1981, na sala de Exposições da Sede, numa altura em que a Fundação comemorava 25 anos. No catálogo da mostra, intitulada *Antevisão do Centro de Arte Moderna*, o presidente da Fundação escrevia: “Chega a ser um atentado contra a cultura manter essas obras encerradas em depósito num país – como Portugal – que não possui ainda hoje qualquer museu de arte moderna. E não se diga, em contrário a esta afirmação, que, não tendo o Senhor Gulbenkian manifestado preferência pela arte moderna, constituiria um atentado à sua memória, para não dizer um sacrilégio, a Fundação criar um museu deste tipo.”

Lembrando que Calouste Gulbenkian atribuiu à Fundação fins artísticos, entre outros, sem quaisquer restrições, Azeredo Perdigão produziu uma afirmação que se pode considerar fundadora do CAM e que durante algum tempo figurou na parede do seu átrio de entrada: “A arte [e o senhor Gulbenkian sabia-o muito bem] não é um produto estável da criação do homem; pelo contrário, a história ensina-nos que a arte é uma atividade em constante evolução ou transformação e nisso está um dos motivos do seu grande interesse.”





CAM – Primeira apresentação da exposição, 1983 © Júlio Almeida

### **UM CENTRO DE ARTE POLIVALENTE**

Depois de aprovada a decisão em Conselho, o projeto foi confiado ao arquiteto britânico Leslie Martin, que fora já consultor para os projetos iniciais da Sede e que, com a colaboração dos arquitetos José Sommer Ribeiro e José Paulo Nunes de Oliveira e sob a coordenação geral de Luís Guimarães Lobato, engenheiro de formação e administrador da Fundação, deu corpo a este empreendimento.

De acordo com as orientações do Conselho, o arquiteto não edificou um museu no sentido estrito mas, como escreveu na memória descritiva do projeto, “um centro vivo para a compreensão, apreciação e promoção da Arte Moderna”, fundamentalmente “orientado para as gerações mais novas”. Para tal concebeu um edifício integrado no extremo sul do parque (a construção do edifício provocou, na altura, acaloradas discussões públicas por roubar espaço ao jardim), desenhado para acolher uma exposição permanente, exposições temporárias, e ainda vários gabinetes administrativos e ateliês destinados aos projetos educativos. Pretendia-se encorajar a apresentação de novas formas de

arte, como por exemplo a animação, e o anfiteatro deveria também ser utilizado para novas e diversificadas expressões artísticas.

Apesar da ampla galeria edificada para expor a coleção do CAM – suscetível de adaptações para permitir diferentes montagens ou exposições paralelas –, a dimensão da coleção não permitia, já na altura, a exibição da totalidade das peças, pelo que se investiu desde logo na construção de grandes espaços, tanto de reservas como de oficinas e armazéns, a pensar também no crescimento natural da coleção. Uma galeria subterrânea foi construída para ligar o CAM aos edifícios da Sede e Museu, de modo a facilitar a circulação e a manutenção das obras. Com este projeto Leslin Martin viria a ganhar a medalha de ouro do Royal Institute of British Architecture.

Três décadas depois, este edifício acolhe mais de 10 mil obras de arte, constituindo a maior coleção de arte portuguesa moderna e contemporânea existente em Portugal.



## A festa dos 30 anos

O dia do aniversário do CAM será celebrado a 25 de julho e terá, ao longo da tarde, muitos momentos especiais. A fachada do edifício ficará trajada a rigor para receber os visitantes, ostentando uma intervenção de Rodrigo Oliveira, de grande efeito cromático, encomendada expressamente para a ocasião. Intitulada *Sem Degraus à Sombra*, é composta por vários painéis coloridos que mudam de tom quando manipulados pelo público. No interior do edifício, estará em destaque outra encomenda, esta com um conteúdo mais político, do artista Carlos

No, intitulada *Euroblood* (Eurosangue). Esta obra dá a conhecer a cotação europeia do sangue, um mercado desconhecido para a maior parte das pessoas, onde existem valores diferentes de acordo com a nacionalidade do dador. Essas cotações serão apresentadas num ecrã digital tal como são vulgarmente mostradas as cotações da bolsa.

Às 18h, as portas abrem-se para inauguração da exposição *Sob o Signo de Amadeo* que vai reunir o melhor da coleção do CAM (pág. 8). A exposição estende-se a todas as áreas do Centro, incluindo a cafetaria onde uma peça sonora da artista Luísa Cunha irá surpreender os visitantes.

Cerca das 19h, o ator Diogo Dória lerá a obra *A Lenda de São Julião Hospitaleiro*, de Gustav Flaubert (na tradução portuguesa de Pedro Tamen), obra que Amadeo copiou e ilustrou e cuja versão original, em francês, a Fundação editou em 2006, por ocasião do seu cinquentenário.

Às 20h, no Hall, um grupo de atores vai ler e “habitar” uma instalação recentemente doada ao CAM pelo artista André Guedes. Esta “ativação” repetir-se-á no último sábado de cada mês (menos em agosto). Depois de algumas surpresas que vão ocorrer na nova esplanada do CAM, que será inaugurada na ocasião, o dia termina com um concerto no Anfiteatro ao Ar Livre, às 22h, de entrada livre, sujeita aos lugares disponíveis. Maria João, protagonista do primeiro concerto do Jazz em Agosto, apresenta-se agora já não com o seu quinteto com que abriu aquele festival, mas com o seu mais recente projeto, OGRE. Será uma celebração conjunta dos 30 anos do CAM e da 30.ª edição do Jazz em Agosto (pág. 24).



Projeto OGRE, com o pianista Júlio Resende



Amadeo de Souza-Cardoso, *Vida dos Instrumentos*, 1916

## SOB O SIGNO DE AMADEO A EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA

No dia da sua abertura oficial, ocorrida em julho de 1983, o CAM mostrava o melhor da sua coleção, inaugurando simultaneamente a exposição *Amadeo de Souza-Cardoso. A Primeira Descoberta de Portugal na Europa do Século XX*. Com curadoria de Paulo Ferreira, esta mostra incluía obras do CAM e de várias outras coleções, e até dezembro desse ano foi visitada por mais de 75 mil pessoas.

Três décadas depois, Amadeo volta a estar no centro das atenções na exposição que agora se inaugura e que vai reunir mais de três centenas e meia de obras da coleção do CAM. A exposição vai constituir um momento único da história deste Centro. Pela primeira vez será apresentado quase



Amadeo de Souza-Cardoso, *Janellas do Pescador*, 1915



Amadeo de Souza-Cardoso, Sem título (*Clown, Cavalo, Salamandra*), c.1911-1912

todo o acervo de Amadeo de Souza-Cardoso – do total de 198 obras da coleção serão mostradas 172 –, ficando de fora apenas alguns pequenos desenhos. Inédito será também o facto de todo o espaço expositivo do CAM ficar ocupado por obras do seu acervo, já que, por regra, a par da apresentação da coleção permanente do CAM, programam-se exposições temporárias, nomeadamente antológicas de artistas, a partir de outras coleções.

A exposição junta obras de várias épocas, constituindo uma oportunidade única para ver obras-primas do modernismo português lado a lado com as peças mais representativas da coleção, a maior parte das quais se encontram habitualmente nas reservas.

A apresentação da coleção vai assentar na ideia de *ação do corpo, performance e palco*, com duas abordagens distintas desta temática, uma moderna outra contemporânea. A Sala de Exposições Temporárias vai acolher obras modernas, anteriores a 1968, e a Nave Central obras contemporâneas dos anos 70 até hoje. No Hall destaca-se um núcleo





Arshile Gorky, *Jardim da Realização dos Desejos*, c. 1944



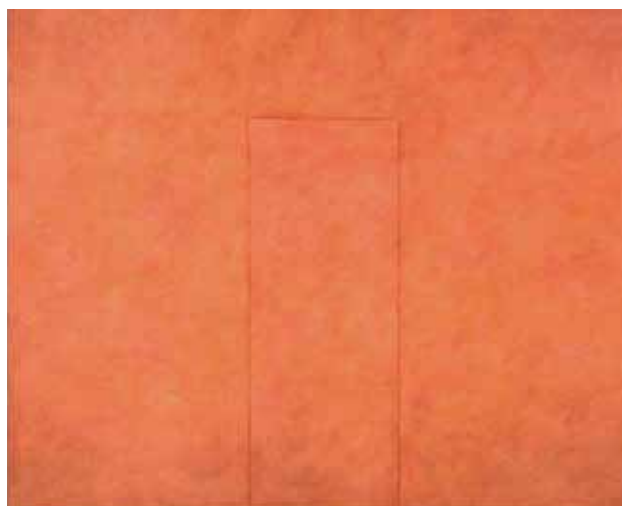
Eduardo Viana, *K4 Quadrado Azul*, c. 1916-17

importante da coleção, composto por obras de arte britânicas (final dos anos 70), estabelecendo-se um diálogo entre a pop britânica e a portuguesa.

Os vídeos da coleção serão exibidos na Sala Polivalente, começando com obras dos anos 70 – Palolo, Ernesto de Sousa, Helena Almeida, Ana Hatherly, Fernando Calhau, entre outros –, e mais tarde poderão ser vistas obras mais recentes.

Várias outras iniciativas vão rodear esta exposição: em outubro terá lugar um ciclo de performances, cujo conteúdo será em breve anunciado; um colóquio internacional sobre Amadeo, em colaboração com o Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa, vai decorrer em novembro, reunindo vários especialistas mundiais para refletir sobre a arte entre as duas guerras mundiais com grande enfoque nos modernismos periféricos, em especial o português e o escandinavo.

Refira-se ainda que a Biblioteca de Arte vai apresentar, no seu espaço e no âmbito das comemorações, uma escolha de 60 catálogos das exposições mais significativas promovidas pelo CAM ao longo dos 30 anos de atividade. Serão também exibidas imagens do arquivo da Fundação com



Ângelo de Sousa, *Pintura*, 1974

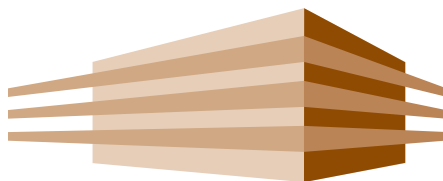
registos históricos de exposições e de inaugurações.

Ao longo deste 30 anos cerca de três centenas e meia de exposições foram apresentadas no CAM. Esta última vai virar-se para a sua própria coleção, convocando o seu melhor.

**Para ver e rever a partir do dia 25 de julho. ■**



Helena Almeida, *Pintura Habitada*, 1976



## PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN PRIZE

**A** Fundação Calouste Gulbenkian completa este ano 57 anos de idade, que serão assinalados no dia 19 de julho na cerimónia de entrega do Prémio Gulbenkian e de evocação da morte de Calouste Sarkis Gulbenkian (20 de julho). O prémio destina-se a distinguir pessoas ou instituições, portuguesas ou estrangeiras, que se tenham destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana.

No valor de 250 mil euros, o prémio é uma homenagem aos valores defendidos por Calouste Sarkis Gulbenkian e será atribuído este ano pela segunda vez. Das setenta nomeações recebidas, mais de metade estão relacionadas com o trabalho de organizações nacionais e internacionais, sendo as restantes nomeações apresentadas a título individual. Destas nomeações sairá, no dia 19, o vencedor do Prémio 2013. ■



© Luis Castilla

**O** ano passado, o prémio foi atribuído à orquestra criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim, que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes, mas não chegou a ser entregue. No dia 29 de julho, o Prémio Gulbenkian será entregue ao maestro e pianista Daniel Barenboim na Fundação Gulbenkian.

Na altura, o júri presidido por Jorge Sampaio, e constituído por Pedro Pires (antigo presidente de Cabo Verde), a princesa Rym Ali da Jordânia (fundadora do Jordan Media Institute), Vartan Gregorian (Carnegie Corporation, EUA), Paul Brest (Hewlett Foundation, EUA), António Sampaio da Nóvoa (reitor da Universidade de Lisboa) e Miguel Poiars Maduro (Prémio Gulbenkian de Ciência 2010 e atual minis-

tro-adjunto e do Desenvolvimento Regional), reconheceu o inestimável contributo da Orquestra para o diálogo e a aproximação no Médio Oriente, mas também para a educação e o desenvolvimento dos dois povos.

O presidente do júri afirmou: "A escolha da West-Eastern Divan Orchestra é oportuna e exemplar a vários títulos: celebra o poder de comunicação universal da música e a sua capacidade de transcender divisões e conflitos; aposta nos jovens e na sua aptidão em encontrar soluções novas para problemas velhos; é uma chamada de atenção para um conflito que grassa há décadas e se repercute numa região inteira. Mas é também a celebração do valor do diálogo intercultural e do seu contributo para a harmonia e a paz." ■



## Novo centro interpretativo do Jardim Gulbenkian

**É** inaugurado no dia 19 de julho o Centro Interpretativo do Jardim Gulbenkian, um espaço multimédia que terá o nome de Gonçalo Ribeiro Telles, em homenagem ao homem que concebeu o Jardim, em conjunto com o arquiteto paisagista António Viana Barreto, falecido em 2012.

O novo centro vai permitir ao público perceber como foi pensado o Jardim, evidenciando, através de meios audiovisuais, aspetos que normalmente são pouco visíveis. Os seus visitantes poderão experimentar vários ambientes em *video-hall* – sendo que uma das paredes da sala principal, em vidro, funcionará como ecrã natural –, numa proposta que se inspira nos 10 Mandamentos que Ribeiro Telles define para a criação de um Jardim, aqui transformados em 10 Andamentos.

A coordenação dos conteúdos é da responsabilidade de Aurora Carapinha, sendo a implementação do projeto desenvolvida pela mesma equipa que trabalhou para o Museu/Centro de Interpretação do Parque Arqueológico do Vale do Coa, e que é constituída por elementos do CECL – Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (Universidade Nova de Lisboa) e do CICANT – Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (Universidade Lusófona de Humanidades e

Tecnologias). O projeto resulta ainda de uma parceria tecnológica com a Samsung. O projeto de arquitetura deste novo equipamento é assinado pela equipa da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, com o enquadramento paisagístico nas mãos de Gonçalo Ribeiro Telles, em conjunto com o arquiteto João Mateus.

O Centro Interpretativo terá também uma componente de restauração, onde irá funcionar uma geladaria com uma esplanada de cerca de 60 lugares. A nova geladaria será dirigida por Bertílio Gomes (Ice Gourmet) e vai oferecer ao público sabores inspirados no Jardim Gulbenkian. Para além dos gelados de autor, artesanais, que estarão disponíveis todo o ano, este novo espaço terá também uma oferta de cafetaria, que inclui refeições ligeiras. O horário de funcionamento será igual ao do Jardim, que está aberto 365 dias por ano, do nascer ao pôr do Sol.

A inauguração do Centro Interpretativo do Jardim Gonçalo Ribeiro Telles contará com a presença de Desirée Martínez, presidente da Associação Internacional de Arquitetos Paisagistas, que em abril deste ano atribuiu a Ribeiro Telles o Prémio Sir Geoffrey Jellicoe, considerado o “Nobel” da Arquitetura Paisagista. ■

# Jacques Delors

## O regresso da Grande Europa

**U**ma plateia que esgotou o Auditório 2, e se prolongou pelo Hall dos congressos da Fundação, ouviu o antigo presidente da Comissão Europeia afirmar que “Portugal tem uma palavra a dizer sobre o destino da Europa”, defendendo que não deve ser apenas Bruxelas a decidir o futuro da União, mas que todos os governos têm de se fazer ouvir. Aos 88 anos, o europeísta e socialista Jacques Delors veio dizer que um dos erros da geração que pensou a União Europeia foi ter-se esquecido das gerações futuras, deixando como legado aos mais novos “estados endividados e sem emprego”, um erro que ainda pode ser reparado. Em Lisboa, a convite da Fundação Gulbenkian, Delors apontou os desafios que se colocam hoje à construção europeia falando de três “choques”: soberania, globalização e erros humanos. O primeiro diz respeito à soberania dos Estados que defende partilhada “tendo em conta as especificidades de cada país”, e quer ver “mais forte” em tempos de crise. Delors lembrou que sempre “houve interesses europeus e interesses soberanos” e diz que, se isso não for tido em conta, se a Europa for apenas vista como uma entidade “punitiva”, é normal que as pessoas deixem de acreditar nela. A criação de um “superfundo de coesão”, destinado a ajudar os países com mais dificuldades, mas também a de uma estrutura formada por representantes dos parlamentos nacionais de toda a UE, conduziria ao reforço da confiança dos cidadãos na Europa. A globalização foi outro dos desafios apontados numa Europa que “não é só união económica e monetária” e que

tem 27 países e não apenas 17. Citando Vaclav Havel, o antigo presidente da Comissão defendeu uma Europa como “agente de paz” onde todos os que venham bater à porta possam entender que “somos europeus atentos à cultura dos outros”.

Na conferência, cujo título era *A prioridade: consolidar a União Económica e Monetária*, Jacques Delors falou de uma UEM coxa, que “só anda sobre uma perna, a monetária” porque esqueceu a perna “económica”.

### COMPROMISSOS EM PORTUGAL

No discurso de apresentação da conferência de Jacques Delors, o presidente da Fundação Gulbenkian defendeu a construção de “um compromisso sério entre as principais forças políticas, válido para duas ou três legislaturas, que deverá ser respeitado independentemente dos resultados eleitorais”.

Artur Santos Silva considera que é essencial que Portugal “consiga uma entrada nos mercados em todas as maturidades da dívida até 10 anos” e que, por isso, é fundamental “ambição, vontade e iniciativa para apresentarmos a nossa própria visão” num caminho difícil e exigente.

Além do que a Europa “pode e deve fazer para corrigir as políticas que nos estão a levar à situação insustentável em que vivemos”, Artur Santos Silva considera que o país deve e pode fazer mais para ultrapassar o “mais exigente desafio que as atuais gerações conheceram”. ■

# Orquestra XXI

## Uma Ideia de Origem Portuguesa

“A música não é um luxo; é uma necessidade.” Este é o lema da equipa do projeto Orquestra XXI, vencedor da 2.ª edição do prémio FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, o concurso lançado em 2010 pela Fundação Gulbenkian para promover projetos de empreendedorismo social no nosso país, idealizados por portugueses na diáspora.

“A frase do maestro Simon Rattle reflete a nossa necessidade de viver a música em conjunto”, diz-nos Diana Ferreira, “facilitadora” do projeto, que trabalha a partir de Aveiro. Em conjunto com Dinis Sousa, músico português que vive em Londres há mais de seis anos e que foi o “visionário” deste projeto, e dois outros elementos – Ricardo Gaspar e João Seara, ambos também a viver no Reino Unido –, formam a equipa do projeto Orquestra XXI, que quer juntar músicos portugueses espalhados pelos melhores conservatórios e orquestras do mundo para uma série de concertos em Portugal. “Este projeto nasceu da necessidade de partilhar as nossas experiências com Portugal, com os jovens estudantes de música e com o público”, continua Diana. A ideia foi recebida com tanto entusiasmo pelas entidades com quem desenvolveram parcerias que a Orquestra XXI já tem estreia marcada para 4 de setembro no Porto, na Casa da Música, seguindo depois para Lisboa, onde vai atuar no Centro Cultural de Belém. Estão para já agendados concertos também para o Mosteiro de Tibães, em Braga, e para o Mosteiro da Batalha.

Mas o maior desafio da Orquestra XXI, afirma ainda Diana, “é o da sua longevidade associada a um público cada vez mais abrangente, sem nunca se perder de vista elevados padrões de exigência artística”. Pretendem renovar progressivamente uma orquestra de músicos portugueses residentes no estrangeiro, que funcionará por estágios sazonais, prevendo-se a realização de dois a quatro programas por ano. Os mentores deste projeto estabelecem também como objetivo a partilha direta de experiências entre os jovens músicos profissionais e os estudantes dos conservatórios e academias portuguesas, integrando estes últimos em intensivas sessões de trabalho, lado a lado com músicos da orquestra. Assim, esperam ver crescer a rede de músicos associados, permitindo uma troca de experiências e de informação que promove tanto o desenvolvimento interpessoal como a integração em projetos profissionais. Para a implementação do projeto, a Orquestra XXI irá partilhar um prémio total no valor de 50 mil euros com os



Projeto vencedor com o Presidente da República e o Presidente do Júri. © Ester Rosa

projetos vencedores do segundo e terceiro lugar do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. “Fruta Feia” é o nome do projeto que ficou em 2.º lugar e que pretende combater o desperdício alimentar através da venda de frutas e hortaliças que não encontram escoamento devido a problemas meramente estéticos; em 3.º lugar ficou o Rés-do-Chão, um projeto de revitalização do espaço urbano.

FAZ foi o mote comum para a iniciativa que uniu a Fundação Calouste Gulbenkian (concurso Ideias de Origem Portuguesa) e a associação empresarial COTEC (concurso Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa) e que se dirige aos portugueses a viver no estrangeiro, com o objetivo de fortalecer a ligação da diáspora a Portugal.

A 2.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa contou com 75 candidaturas provenientes de países tão distantes como a China, os Emirados Árabes Unidos ou o Brasil, numa demonstração de quão longe chega a diáspora portuguesa. De entre todas estas ideias, enquadradas nas áreas do Ambiente e Sustentabilidade, da Inclusão Social, do Diálogo Intercultural e do Envelhecimento, foram selecionadas dez equipas finalistas, que receberam entre 3 e 5 de junho formação em empreendedorismo social através de um *Bootcamp IES Powered by Insead*.

Os vencedores foram anunciados no início de junho, em cerimónia realizada na Fundação Gulbenkian, que contou com a presença do Presidente da República e do ministro dos Negócios Estrangeiros. ■



## Filme português estreia no Louvre

*Vinte e um. O dia em que o Mundo não acabou, de Marco Martins, still do filme*

O filme *Vinte e Um. O Dia em que o Mundo não Acabou* do realizador Marco Martins, estreado no Museu do Louvre no âmbito da exposição *Année 1 – Le Paradis sur Terre* do artista italiano Michelangelo Pistoletto, contou com o apoio do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas. Baseado num texto do próprio Pistoletto – Terceiro Paraíso – o filme desenrola-se nas 24 horas do dia 21 de dezembro de 2012, constituindo uma reflexão sobre o fim de um ciclo de prosperidade económica que encerra uma oportunidade de reinvenção para a Humanidade. Marco Martins filmou o último dia na terra a partir das narrativas individuais de 12 personagens reais. O escritor Gonçalo M.

Tavares, o músico David Santos (Noiserv), o astrofísico Pedro Gil Ferreira, a aldeã Maria de Fátima Príncipe e o pastor Fernando Magalhães, ambos de Trás-os-Montes, são as personagens portuguesas de *Vinte e Um*.

Um excerto de 10 minutos deste filme pode ser visto no Louvre pelos visitantes de *Année 1 – Le Paradis sur Terre* até ao dia 2 de setembro, último dia da exposição.

O Programa Gulbenkian Língua e Cultura Portuguesa apoiou ainda a 1.ª edição do laboratório de debate e reflexão sobre o documentário contemporâneo, *Doc's Kingdom – A ideia de uma Ilha*, a ter lugar na Horta, de 15 a 20 de setembro deste ano. ■

## Concertos em parceria com a Misericórdia de Lisboa

A té 2016, a Fundação Gulbenkian e a Santa Casa da Misericórdia vão realizar, em parceria, ciclos de concertos no Grande Auditório da Fundação e nos espaços da Santa Casa da Misericórdia. A pensar na promoção do acesso à cultura por parte de toda a comunidade, as duas instituições assinaram um protocolo de cooperação em que são criados dois novos projetos – **Concertos de Domingo** e **Caminhos da Santa Casa**.

Integrados na Gulbenkian Música, os Concertos de Domingo vão apresentar uma programação com obras de referência do repertório clássico, num total de seis/oito concertos por temporada, ao longo de três temporadas. Estes concertos terão bilhetes a preços mais reduzidos e destinam-se a um público que quer descobrir a música erudita e que poucas oportunidades tem de o fazer. Os

concertos serão apresentados, em sessão dupla, aos domingos, e contarão na próxima temporada com a participação da maestrina Joana Carneiro e do maestro Pedro Neves dirigindo obras como a 5.ª Sinfonia de Beethoven, excertos do Lago dos Cisnes, de Tchaikovsky ou o *Adagietto* da 5.ª Sinfonia de Mahler, entre outras.

O projeto Caminhos da Santa Casa será realizado nos espaços da Misericórdia de Lisboa e contará com a participação de elementos do Coro e de instrumentistas da Orquestra Gulbenkian.

A realização destes concertos pretende contribuir para a divulgação e valorização do riquíssimo património arquitetónico da Santa Casa e, ao mesmo tempo, tornar acessível ao público a fruição destes espaços e concertos. ■

# Cooperação com o Abu Dhabi

**A** Fundação Gulbenkian iniciou um processo de cooperação interuniversitária com os Emiratos Árabes Unidos numa missão realizada no início de junho ao Abu Dhabi. A missão aconteceu na sequência da vontade manifestada pelas autoridades do Abu Dhabi de estabelecer uma colaboração entre instituições do ensino superior e de investigação do emirato e instituições portuguesas congêneres, nas quais se conta o Instituto Gulbenkian de Ciência. A missão liderada pelo administrador Eduardo Marçal Grilo teve como objetivo apresentar e divulgar o potencial académico e científico das instituições universitárias e científicas portuguesas, mas também criar condições para concretizar a cooperação académica e científica entre as instituições de ambos os países. Numa amostra do que melhor se faz em Portugal no ensino superior e na investigação científica, a missão integrou representantes de áreas tão diversas como a engenharia, ciências biomédicas ou gestão. A delegação que se deslocou ao Abu Dhabi integrou os reitores da Universidade do Porto e da Universidade de Coimbra, o presidente do Instituto



Superior Técnico, os diretores da Nova School of Business and Economics da Universidade Nova de Lisboa e da Católica Lisbon of Business and Economics, mas também os diretores do IGC e do Programa Gulbenkian Qualificação das Novas Gerações. ■

# Apoio ao ensino secundário em Timor

**O** projeto de Reestruturação Curricular do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste, iniciado em 2009, ficou concluído com a entrega formal dos Manuais para Alunos e dos Guias de Professores das disciplinas curriculares do 12.º ano ao Ministério da Educação da República Democrática de Timor-Leste, durante a visita a este país, em junho, do secretário de Estado da Cooperação portuguesa. O projeto, desenvolvido a pedido do Ministério da Educação timorense, foi coordenado pela Fundação Gulbenkian em parceria com o então IPAD (atual Camões – Instituto da Cooperação e da Língua) e financiado pelo Fundo da Língua Portuguesa.

Para levar a cabo as várias fases do projeto, a Fundação contou com a assistência técnica da Universidade de Aveiro e a colaboração do Ministério da Educação de Timor-Leste.

A reestruturação passou pela elaboração de um bloco pedagógico constituído por um plano curricular para o ensino secundário geral, de acordo com uma matriz conceptual estabelecida. Integrou também a realização de programas para as disciplinas dos 10.º, 11.º e 12.º anos, num conjunto de 42 unidades, desenhadas tendo em atenção as



especificidades locais; e também a produção de Manuais para os Alunos e Guias para Professores, um por cada uma das disciplinas, em dois conjuntos de 42 unidades. ■

# IGC e Merck assinam acordo

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e a Merck S.A., subsidiária em Portugal da Merck KGaA (Alemanha), assinaram um acordo para colaboração, licenciamento e opção na área da propriedade intelectual gerada pelo IGC. A Merck, que já tinha assinado um memorando de entendimento com o IGC em Maio de 2012, vai agora cooperar com o Instituto durante os próximos três anos, na gestão e comercialização da sua propriedade intelectual.

“A Merck vai apoiar o IGC na melhor utilização do seu vasto portefólio de propriedade intelectual, que inclui muitas patentes, para descobrir, desenvolver e comercializar produtos com sucesso”, disse Stefan Oschmann, membro do Conselho Executivo da Merck e CEO da divisão Merck Serono. “Em contrapartida, temos a possibilidade de fazer parte da excelência científica do trabalho do IGC e do ambiente científico português.” Por seu lado, Jonathan Howard, Diretor do Instituto Gulbenkian de Ciência, entende que “os cientistas tendem a viver num quase isolamento quando se trata da conversão do seu trabalho em algo com valor de mercado. Contudo, esperamos que o conhecimento e experiência de longa data da Merck, somados ao nosso trabalho de investigação se traduzam numa combinação de força que possa ajudar a contribuir para o bem-estar geral das pessoas em Portugal e noutros países.”

Na cerimónia de assinatura do protocolo na Fundação Gulbenkian, Fritz Sacher, diretor executivo da Merck S.A recomendou o investimento na investigação em Portugal,



Stefan Oschmann, Artur Santos Silva e Fritz Sacher © Márcia Lessa

dando como exemplos a estabilidade dos recursos humanos nos projetos, mas também as intensas trocas internacionais entre investigadores e instituições. Fritz Sacher diz mesmo que a “cultura existente” nos nossos centros de investigação “é igual à norte-americana e à do norte da Europa”, e que o ambiente para investigar “é um dos melhores do mundo”. O IGC faz parte da lista dos 10 melhores lugares fora dos Estados Unidos para investigadores doutorados.

Na primeira fase da colaboração, o IGC e a Merck querem aproveitar o portefólio de patentes já existente no Instituto. Numa segunda fase, os parceiros pretendem promover os projetos de investigação do IGC. Ao direcionar o conhecimento científico e financiamento da Merck para projetos de fase inicial selecionados, a cooperação permite o desenvolvimento e posterior comercialização de produtos inovadores que irão contribuir para melhorar a qualidade de vida dos doentes. O IGC poderá assim beneficiar do desenvolvimento de produtos de sucesso, recebendo pagamentos parcelares regulares e royalties das vendas dos produtos. ■

# A ciência num festival de música

O Instituto Gulbenkian de Ciência marca novamente presença no festival Optimus Alive'13, que tem lugar no passeio marítimo de Algés entre 12 e 14 de julho. Durante os três dias do festival, os cientistas do IGC levam a ciência que fazem no IGC ao público do festival, com o já conhecido *speed-dating*.

Este ano, contam-se ainda outras atividades que incluem jogos e experiências de Biodiversidade e Microbiologia e exposições de fotografia. A participação do IGC no Optimus



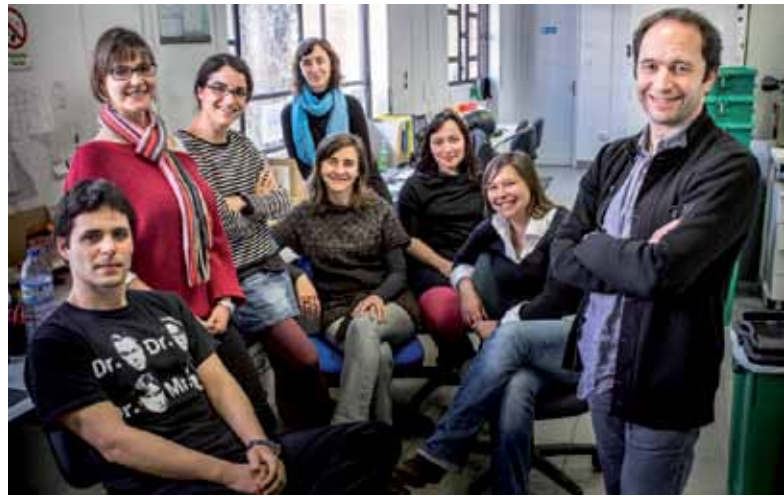
Alive'13 resulta de uma parceria estabelecida com a promotora do festival, em 2008. No âmbito desta parceria, a Everything is New financia também duas bolsas de investigação científica por ano, dando a oportunidade a jovens recém-licenciados de iniciarem as suas carreiras científicas. Este ano, Helena Teixeira e Filipe Vieira são os dois novos bolsеiros, selecionados a partir das cerca de 90 candidaturas, e que irão agora iniciar os seus projetos de investigação em Biodiversidade e Microbiologia. ■



# Os mecanismos da formação do tronco e da cauda nos vertebrados

Uma das diferenças anatômicas mais notáveis entre vertebrados é o tamanho relativo do seu pescoço, tronco e cauda. Por exemplo, enquanto a maior parte do corpo da cobra é um tronco preenchido com os órgãos dos sistemas digestivo, excretor e reprodutor, no caso do lagarto a maior parte do corpo é uma cauda muscular. As diferenças existentes nos planos corporais de diferentes animais são geneticamente determinados durante o desenvolvimento embrionário. No último número da revista *Developmental Cell*, Moisés Mallo e o seu grupo de investigação no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) mostraram que a formação das pernas e da cloaca embrionária está relacionada com o fim do tronco e da formação de órgãos internos e o início da formação da cauda.

O corpo é formado progressivamente, durante o desenvolvimento embrionário, começando na cabeça e terminando na cauda. Este processo depende da atividade de um grupo de células (conhecidas como “progenitores axiais”) que se localizam na ponta mais posterior do embrião e que produzem novos tecidos à medida que este cresce. Depois da cabeça e do pescoço se formarem, estes progenitores começam a formar o tronco, o que implica a produção coordenada da maioria dos órgãos vitais do animal. Mas, num determinado momento, o programa do desenvolvimento muda e começam a ser formados os tecidos da cauda, em vez do tronco. E esta mudança ocorre ao mesmo tempo que o embrião forma a cloaca (abertura final dos tratos digestivo, reprodutivo e urinário) e as pernas. Moisés Mallo e o seu grupo descobriram que esta transição é coordenada por uma cascata genética desencadeada pelo fator de sinalização Gdf11. Quando inativaram geneticamente o Gdf11 no ratinho, os animais ficaram com troncos maiores e as pernas localizadas mais longe dos braços do que em ratinhos normais. Quando na experiência complementar forçaram a ativação precoce do Gdf11, o resultado foi o oposto: troncos extremamente



Grupo de investigação do IGC

reduzidos e os membros posteriores localizados imediatamente a seguir aos membros anteriores.

Os investigadores também observaram que o Gdf11 ativa especificamente o gene *Isl1* num subgrupo dos progenitores axiais, responsável por formar os órgãos internos no tronco. Como consequência da ativação do *Isl1*, as células progenitoras axiais são forçadas a formar a cloaca e os membros posteriores em vez de órgãos internos, que não são necessários na cauda.

*“O que descobrimos pode ser importante não só para entender os mecanismos que geram uma tão grande diversidade anatômica dos vertebrados, mas pode também dar pistas relevantes para entender alguns destes síndromes humanos congénitos.”* Moisés Mallo

O trabalho do grupo de Moisés Mallo tem ainda uma mensagem adicional: o programa genético que regula a transição da formação do tronco para a cauda tem de ser coordenado na perfeição no tempo e no espaço, porque alterações no mesmo podem levar a um largo espectro de malformações na parte inferior do corpo, afetando tipicamente a coluna vertebral e os tratos digestivo, urinário e reprodutor. Estas malformações reproduzem de perto as características clínicas de algumas patologias humanas como o Síndrome da Regressão Caudal ou a Disgenesia Vertebral Segmentar, o que indica que poderão ter origem em alterações na transição da formação do tronco para a cauda, durante o desenvolvimento embrionário. ■

## Medalha de mérito para a Orquestra Gulbenkian

A medalha municipal de mérito, grau ouro, foi atribuída à Orquestra Gulbenkian pelos “serviços de excecional relevância” prestados à cidade. Esta é a mais alta distinção da Câmara Municipal de Lisboa, que, a propósito dos 50 anos da Orquestra, decidiu reconhecer o seu contributo para “a criação de novos públicos e para a vitalidade, diversidade, modernidade e excelência” da oferta cultural e musical de Lisboa e do país.

O executivo camarário, presidido por António Costa e tendo como vereadora da cultura, Catarina Vaz Pinto, destacou o papel relevante dos concertos da Orquestra Gulbenkian, que “têm trazido à capital alguns dos nomes mais proeminentes da cena musical interna-



cional e nacional”. A medalha foi entregue no dia 2 de junho pelo presidente da Câmara de Lisboa ao presidente da Fundação, na presença do maestro Lawrence Foster e da violoncelista Maria José Falcão, durante o último concerto da Orquestra integrado na temporada 12/13 (na foto). ■



## Câmara de Lisboa distingue Emílio Rui Vilar

Em junho, numa cerimónia nos Paços do Concelho, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa entregou a Emílio Rui Vilar (na foto) a medalha de mérito, grau ouro, como forma de homenagear a sua carreira e a sua ação “da vida cívica e política à vida cultural, da atividade económica à intervenção europeia”. Por unanimidade, a vereação camarária considerou que o homenageado deixou a sua marca em todas as funções que exerceu ao longo de cinco décadas, desempenhando “com sucesso e dedicação” os mais variados cargos. Destacando a sua “visão global e atualizada das questões, a competência como gestor, o rigor ético, a dedicação a causas públicas”, o executivo presidido por António Costa quis distinguir o contributo de Emílio Rui Vilar por “prestigiar Lisboa e o país”. Na cerimónia, o presidente da Fundação Gulbenkian fez o elogio do homenageado, considerando-o como “o melhor de entre os melhores da sua geração”. ■

## Lawrence Foster Maestro Emérito da Orquestra Gulbenkian

O *tello*, de Giuseppe Verdi, integrado no ciclo Shakespeare na Música, foi o último concerto dirigido pelo maestro Lawrence Foster, ao fim de 11 temporadas como maestro titular da Orquestra Gulbenkian. O Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian decidiu atribuir-lhe o título de Maestro Emérito pelo seu contributo à frente da orquestra. Foster liderou a Orquestra Gulbenkian em várias digressões internacionais, incluindo o Festival Enescu, em Bucareste, e o Kissinger Sommer Festival, bem como apresentações em outros prestigiados palcos europeus. Além dos concertos regulares, que incluíram pelo menos uma ópera em cada temporada, dirigiu a Orquestra Gulbenkian em várias gravações para a editora Pentatone Classics. ■

## Medir a ligação das crianças com a natureza

**A** Real Sociedade para a Conservação das Aves, uma associação britânica líder na causa da preservação da Natureza, acaba de publicar a sua mais recente pesquisa sobre o Transtorno por défice de Natureza (Nature Deficit Disorder). O relatório esclarece a importância da ligação das crianças com a Natureza, demonstrando que o contacto muda a percepção dos jovens sobre o meio ambiente. Este trabalho conclui que privar as crianças dessas experiências também é prejudicial para a sua saúde e bem-estar físico e psicológico.

Com o apoio da delegação em Londres da Fundação Calouste Gulbenkian, a associação pretende ajudar a gerar mudanças positivas e sustentáveis na forma como as futuras gerações se relacionam com o meio ambiente e os recursos naturais. A nova publicação apresenta as pesquisas mais recentes da associação, incluindo os resultados de uma sondagem cujo objetivo foi o de estabelecer um quadro metodológico apropriado para medir a relação das crianças com a Natureza. Nesse sentido, foi considerado que o Índice de Conexão com a Natureza (fruição, empatia, percepção de unidade e sentido de responsabilidade) vai permitir lançar um inquérito à escala nacional para determinar os problemas existentes e a forma de os ultrapassar. ■



## Gulbenkian Música 13/14

**A** venda de bilhetes avulsos para a temporada de música 13/14 começa este mês de julho e prolonga-se até setembro, após a venda de assinaturas para antigos e novos assinantes. O público interessado em adquirir bilhetes por correspondência deve fazê-lo até ao dia 10 de julho, de acordo com as regras enunciadas na brochura e na informação disponível *online*. Quem preferir fazer a compra digital pode fazê-lo a partir do dia 26 de julho. A venda direta em bilheteira e por telefone só será possível a partir do dia 2 de setembro.

Tal como foi anunciado, a primeira parte da Gulbenkian Música 13/14 realiza-se em várias salas de Lisboa – Mosteiro dos Jerónimos, Igreja de São Roque, CCB, Culturgest e Teatro Maria Matos – e só voltará ao Grande Auditório em fevereiro de 2014, após as obras de reabilitação e restauro, a decorrerem até dezembro deste ano.

[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt) ■

## Orquestra Geração ao ar livre

**E**ste ano, mais uma vez, as orquestras Geração apresentam-se no Anfiteatro da Fundação Gulbenkian. Um concerto ao ar livre, com mais de duzentas crianças e jovens que integram as Orquestras Geração da Amadora e de Loures e que terá entrada livre. O concerto realiza-se no dia **11 de julho**, quinta-feira, a partir das 19h, e, apesar de gratuito, todos os interessados deverão levantar previamente os bilhetes nas bilheteiras da Fundação Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna. ■



**U**ma delegação de representantes do Abu Dhabi visitou Lisboa no passado mês de maio. Acompanhadas pela embaixatriz de Portugal no Abu Dhabi, visitaram a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu Gulbenkian, tendo sido recebidas pelo administrador Eduardo Marçal Grilo. ■



*Mariana Caló\* | 29 anos | Artes Plásticas*

## O alfabeto do tempo

### **QUAIS OS MOMENTOS-CHAVE DO SEU PERCURSO ATÉ SE CANDIDATAR À RESIDÊNCIA?**

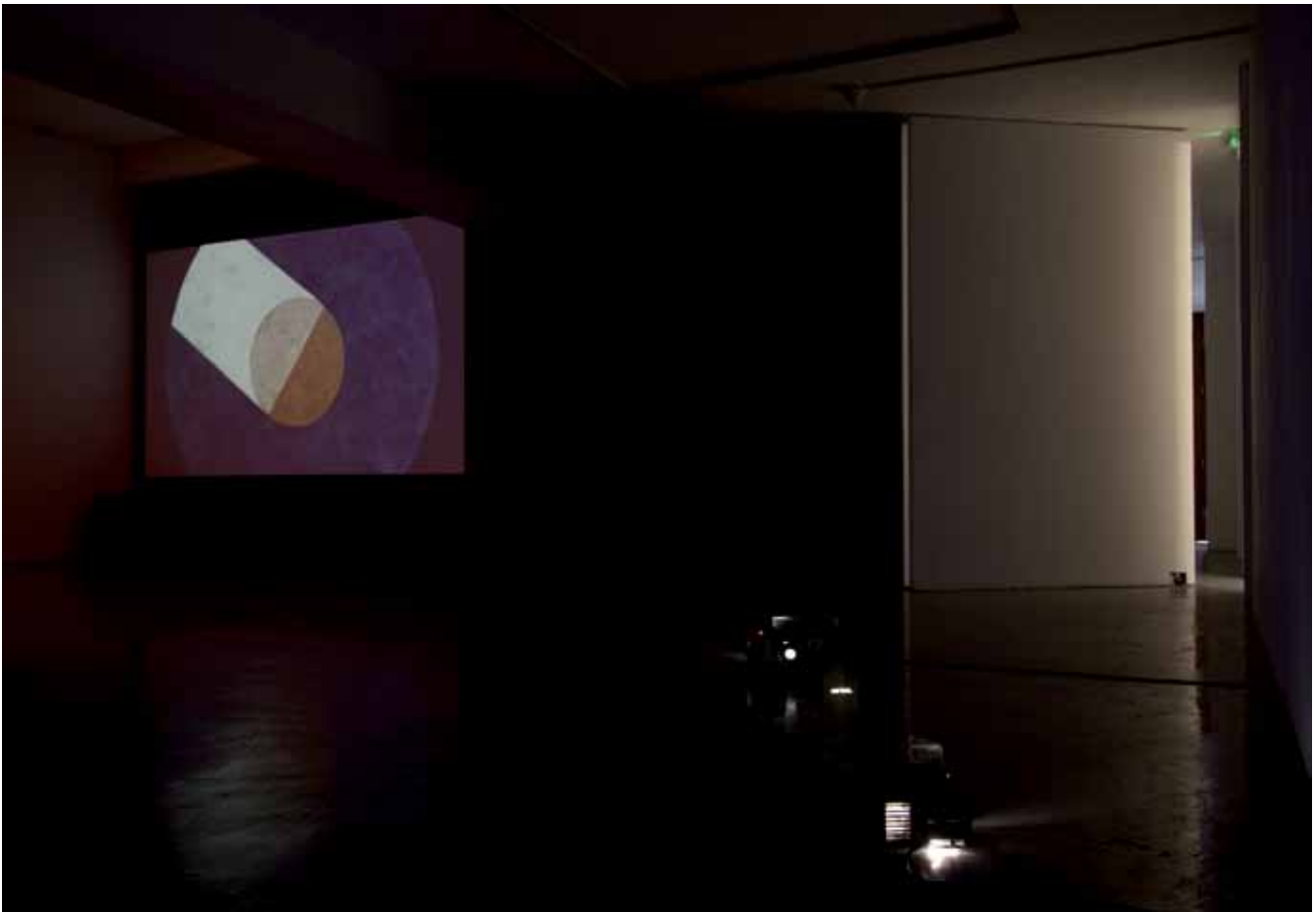
Licenciei-me em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2007, e estive um ano em Dresden, na Hochschule für Bildende Künste, enquanto bolseira Erasmus. Em setembro de 2008, fui para Berlim estagiar na Künstlerhaus Bethanien, instituição onde permaneci até ao início de 2010. Ainda durante o mesmo ano, eu e mais oito colegas, fundámos em Berlim o espaço cultural Altes Finanzamt, onde partilhámos ateliê e onde são explorados formatos de apresentação de ensaios visuais, teóricos, performativos e sonoros.

### **O SEU TRABALHO TEM SIDO REALIZADO EM CONJUNTO COM FRANCISCO QUEIMADELA. COMO COMEÇOU ESTA PARCERIA?**

A colaboração começou ainda durante o nosso tempo nas Belas-Artes, enquanto membros da Forma-Cita e do Colectivo Piso, na produção de exposições ou projetos pontuais, enquanto organizadores ou artistas.

Na primavera de 2010, iniciámos a nossa colaboração enquanto dupla, partindo de uma residência temporária em Trás-os-Montes que coincidiu também com a origem do nosso projeto contínuo, intitulado “Gradações de Tempo sobre Um Plano”.

Neste trabalho temos vindo a explorar o nosso interesse em criar relações entre diferentes conceções pessoais sobre Tempo e a interpretação simbólica desses sinais em diversos contextos. Tendo como base referencial a noção de que a perceção de Tempo é concebida como um resultado de estados mentais e resultado de uma construção cognitiva, este trabalho é desenvolvido com uma estrutura aberta composta de capítulos – não sequenciais, mas relacionáveis –, que são apresentados individualmente ou como um todo nos momentos de exposição. Simultaneamente, temos vindo a desenvolver um mapeamento interno deste trabalho através de um alfabeto, em expansão, constituído pelos glifos particulares que desenvolvemos para cada um dos capítulos.



Gasworks, *Gradações de Tempo Sobre um Plano*

#### **QUE IMPRESSÕES GUARDA DA RESIDÊNCIA QUE FREQUENTOU?**

A nossa experiência na Gasworks foi muito positiva por vários motivos. Correspondeu a um período fundamental para o desenvolvimento e aprofundamento do nosso projeto, não só pela oportunidade de nos concentrarmos na nossa prática e desenvolvermos trabalho numa cidade tão estimulante como é Londres, mas também porque beneficiámos do apoio de uma estrutura de produção muito receptiva e dinâmica, interessada em promover o diálogo com o nosso trabalho naquele contexto.

#### **EM QUE PROJETOS TRABALHAM ATUALMENTE?**

Temos continuado a desenvolver “Gradações de Tempo sobre Um Plano” e estamos neste momento em fase de experimentação para a realização de novos capítulos deste projeto. Recentemente, estivemos por um curto período de tempo em residência artística em Itália, a preparar dois momentos expositivos, primeiramente na Villa Romana em Florença, seguido do espaço O’, em Milão (em parceria com Jacopo Mazzetti e Filipa Ramos).

Paralelamente, em conjunto com um grupo de pessoas ligadas ao cinema, artes visuais, música e filosofia, estamos envolvidos na produção de um filme em 16 mm em que a base é uma comunidade da serra do Gerês.

#### **E COMO FOI VIVER EM LONDRES?**

Viver em Londres foi importante para o desenvolvimento do nosso projeto e sentimos que dificilmente teríamos tido a oportunidade de usufruir de um espaço de trabalho e da dinâmica da cidade da mesma forma, caso não tivéssemos tido a bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Londres é uma cidade com uma vida cultural muito ativa e enquanto lá estivemos procurámos aproveitar essa intensidade e diversidade. Ao mesmo tempo, uma vez que estivemos também a desenvolver um capítulo relacionado com as particularidades naturais de uma zona costeira do Sudeste da Inglaterra, chamada Seven Sisters, tivemos a vontade e a oportunidade de realizar parte do processo de experimentação e captação de imagem em laboratório, com o apoio do departamento de Paleontologia do Museu de História Natural e da UCL, o que foi para nós uma experiência enriquecedora. ■

\* Bolseira da Fundação Gulbenkian na Residência Gasworks, Londres



# Uma alavanca ao serviço do desenvolvimento de Moçambique

Por **Fernando Ramos**

Professor catedrático da Universidade de Aveiro

Coordenador do projeto Apoio ao Desenvolvimento do Ensino à Distância na Universidade Eduardo Mondlane (2008-2012)

O Ensino à Distância (EaD) é uma modalidade de ensino-aprendizagem há muitas décadas utilizada com sucesso para alargar as opções de Educação oferecidas pelas instituições de Ensino Superior (ES), procurando minimizar os constrangimentos de natureza geográfica e facilitar o acesso dos seus públicos-alvo. A primeira geração de oferta de EaD no ES foi, essencialmente, centrada nas habitualmente designadas “universidades abertas”, de que a Open University (Reino Unido) ou a Universidade Aberta portuguesa são exemplos bem conhecidos. O desenvolvimento das tecnologias Internet e a globalização das aplicações e serviços *web*, nomeadamente *web 2.0* e *cloud computing*, possibilitou que, durante a primeira década deste século, o interesse pelo EaD tenha vindo a crescer em muitas instituições de ES, quer numa perspetiva de EaD totalmente à distância, quer através de modelos mistos com componentes presenciais e à distância (*blended-learning*), quer, ainda, como forma de complementar e enriquecer os ambientes de ensino-aprendizagem tradicionais. O grande potencial do EaD no ES continua a motivar o interesse das instituições e da comunidade científica internacional, como comprova a crescente oferta de MOOC (*massive open online courses*) por algumas das mais prestigiadas universidades internacionais.

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM), universidade pública moçambicana sediada em Maputo, tomou também a iniciativa de procurar tirar partido do EaD para ampliar a sua capacidade de contribuir para a qualificação da população moçambicana. Entre 2008 e 2012, integrámos uma equipa da Universidade de Aveiro (UA) que colaborou no esforço de conceção, de pilotagem e de consolidação de um modelo de EaD para a UEM, iniciativa que teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Este projeto incluiu três eixos de trabalho complementares: qualificação dos colaboradores do Cend – Centro de Ensino a Distância da UEM em metodologias e tecnologias de EaD; apoio ao lançamento e acompanhamento dos primeiros cursos-piloto de EaD; qualificação avançada na área de EaD, ao nível de doutoramento, de cinco docentes da UEM, que concluíram os seus estudos em provas públicas realizadas na UA em dezembro de 2012. No decurso do projeto, a UEM lançou três cursos de mestrado e outros três cursos de licenciatura, envolvendo um total de mais de 800 estudantes residentes em todas as províncias do país, existindo planos para o alargamento desta oferta a outros cursos. A UEM granjeou, ainda no âmbito do projeto, o estatuto de instituição de referência na área do EaD em Moçambique, sendo frequentemente chamada a partilhar os conhecimentos, adquiridos com o caminho já percorrido, com outras instituições de ES moçambicanas.

Neste projeto voltamos a confirmar que a ousadia de antecipar o futuro, assumindo que aprender com os desafios é uma atitude saudável, é a melhor forma de mobilizar as pessoas – o principal ativo das organizações – e de criar condições para que, através da injeção da sua energia criadora, deem o seu melhor, alavancando a metamorfose das organizações e, naturalmente, também das sociedades em que se inserem. ■



**em julho / agosto**

# Jazz em Agosto

## 30ª edição

Um concerto muito especial, de entrada livre, vai celebrar uma dupla efeméride: os 30 anos do CAM e a 30.ª edição do Jazz em Agosto. Será no dia **25 de julho** no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, e vai evocar o primeiro espetáculo do Jazz em Agosto, realizado no dia 1 de agosto de 1984 pelo Quinteto Maria João. A cantora volta agora ao mesmo espaço com o seu novo projeto, **Ogre**, na companhia dos músicos João Farinha (piano Rhodes, sintetizadores), André Nascimento (eletrónica), Júlio Resende (piano) e Joel Silva (bateria).

O Jazz em Agosto nasceu no ACARTE (Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte) da Fundação Gulbenkian, fixando residência no edifício do CAM, e fazendo do Anfiteatro ao Ar Livre o seu palco natural. Desde então, muitas edições se passaram e o festival tornou-se uma referência no país, sendo portador de uma história que a edição deste ano vai recordar. Assim, será editado um livro que reúne 50 ensaios originais sobre 50 músicos selecionados que participaram nas várias edições e que marcaram a história do jazz das últimas décadas. Os textos são da autoria de três importantes críticos e pensadores do jazz na atualidade, o canadiano Stuart Broomer, o



John Zorn



britânico Brian Morton e o americano Bill Shoemaker. Com uma edição em português e em inglês, o livro será lançado durante o festival.

Serão ainda exibidos registos vídeo de dois concertos históricos do Jazz em Agosto: a **SUN RA ARKESTRA**, em 1985, e o **WORLD SAXOPHONE QUARTET**, em 1987, do Arquivo da RTP, assim como a série de dez episódios do documentário **aTensãoJAZZ**, uma história do jazz em Portugal, de autoria de Rui Neves, realizado por Paulo Seabra.

### UMA PROGRAMAÇÃO A EVOCAR A SUA HISTÓRIA

Com o saxofonista e compositor **John Zorn** em destaque, a programação deste ano propõe 10 concertos no Anfiteatro ao Ar Livre. **Zorn**, que comemora 60 anos de idade, apresenta-se com dois dos seus grupos emblemáticos – **THE DREAMERS** e **ELECTRIC MASADA** – e ainda, num terceiro concerto, dedicado à música que compôs para filmes dos cineastas independentes, estreados em outubro de 2011 no New York Film Festival, e que serão exibidos com música em tempo real.

O jazz escandinavo, que tem marcado presença regular no Jazz em Agosto, estará este ano representado pelo trio **ELEPHANT9**, que se apresenta com o guitarrista **Reine Fiske**, e o trio **THE THING** de Mats Gustafsson/Ingebrigt Håker Flaten/Paal Nilssen-Love, que se estreou neste festival em 2004, ressurgindo agora em **THE THING XXL**, um septeto onde se destacam **Peter Evans** e **Terrie EX**.

O trompetista **Peter Evans**, que se estreou em Portugal em 2009, a solo e em quarteto, apresenta em estreia europeia o seu novo octeto. Outro músico veterano que ilustrou



Anthony Braxton © Carolyn Wachnicki



Sun Ra © Eduardo Gageiro



Mary Halvorson 5tet © Nick Lloyd

anteriores edições deste festival, em 2000 e 2006, o poli-instrumentista **Anthony Braxton**, apresentará um dos seus projetos recentes, **FALLING RIVER MUSIC QUARTET**, que reúne valores seguros da nova geração: **Taylor Ho Bynum**, **Mary Halvorson**, **Ingrid Laubrock**. Destes, dar-se-á relevo ao novo **Quinteto de Mary Halvorson**.

O Jazz em Agosto 1995 ficou marcado pela presença do baterista histórico **Max Roach** que se apresentou a solo, num quarteto e numa formação de cordas, dirigindo ainda um seminário de percussão evocativo do seu coletivo **M'BOOM**. O grupo de percussão português **DRUMMING** vai recordar essa presença nesta edição.

O concerto de encerramento será protagonizado por uma formação lançada no ano passado e que reúne dois trios dirigidos pelo trompetista americano Rob Mazurek, o **São Paulo Underground** e o **Chicago Underground**, aos quais se junta o lendário músico, companheiro de John Coltrane na sua derradeira fase, a mais radical, o saxofonista **Pharoah Sanders**. ■

Mais informações em [musica.gulbenkian.pt/jazz](http://musica.gulbenkian.pt/jazz)

## Programação **jazz em agosto 2013**

### CONCERTOS

**Anfiteatro ao Ar Livre | 21h30**

#### SEXTA | 2 AGOSTO

**The Dreamers - John Zorn@6o (E.U.A., Brasil)**

\*Estreia em Portugal

John Zorn *direção*

Marc Ribot *guitarra elétrica*

Jamie Saft *teclados*

Trevor Dunn *contrabaixo, baixo elétrico*

Kenny Wollesen *vibrafone*

Joey Baron *bateria*

Cyro Baptista *percussão*



John Zorn © DR

#### SÁBADO | 3 AGOSTO

**Essential Cinema - John Zorn@6o (E.U.A., Japão, Brasil)**

\*Estreia em Portugal

John Zorn *direção, sax alto*

Marc Ribot *guitarra elétrica*

Jamie Saft *teclados*

Ikue Mori *eletrônica*

Trevor Dunn *contrabaixo, baixo elétrico*

Cyro Baptista *percussão*

Joey Baron *bateria*

Kenny Wollesen *vibrafone*

\*Com projeção de filmes de Maya Deren, Joseph Cornell, Harry Smith, Wallace Berman

#### DOMINGO | 4 AGOSTO

**Electric Masada - John Zorn@6o (E.U.A., Japão, Brasil)**

John Zorn *sax alto*

Marc Ribot *guitarra elétrica*

Jamie Saft *teclados*

Trevor Dunn *contrabaixo, baixo elétrico*

Kenny Wollesen *vibrafone*

Joey Baron *bateria*

Cyro Baptista *percussão*

Ikue Mori *eletrônica*



Drumming GP © DR

#### SEGUNDA | 5 AGOSTO

**Drumming GP plays Max Roach M'Boom (Portugal)**

\*Estreia

Miquel Bernat *direção musical*

Rui Rodrigues *percussão*

Pedro Oliveira *percussão*

João Cunha *percussão*

João Tiago Dias *percussão*

Músicos Convidados

Alexandre Frazão *bateria, percussão*

Andres (Pancho) Tarhabia *percussão*

Márcio Pinto *percussão*

Jefferey Davis *percussão*

#### TERÇA | 6 AGOSTO

**Elephant9 feat. Reine Fiske (Noruega)**

\*Estreia em Portugal

Stale Størlokken *órgão Hammond B-3, Fender Rhodes*

Nikolai Hængsle Eilertsen *baixo elétrico*

Torstein Lofhus *bateria*

Reine Fiske *guitarra elétrica*

#### QUARTA | 7 AGOSTO

**The Thing XXL (Noruega, Suécia, E.U.A., Países Baixos)**

\*Estreia em Portugal

Mats Gustafsson *sax tenor, baritono*

Ingebrigt Håker Flaten *contrabaixo*

Paal Nilssen-Love *bateria*

Peter Evans *trompete, piccolo trompete*

Mats Ålekint *trombone*

Terrie Ex *guitarra elétrica*

Jim Baker *teclados, eletrônica*



Peter Evans © Jazzaldia

**QUINTA | 8 AGOSTO**

**Peter Evans Octet (E.U.A.)**

\*Estreia na Europa

Peter Evans *trompete, composição*  
Ron Stabinsky *piano, trompete*  
Brandon Seabrook *guitarra elétrica, banjo, eletrónica*  
Dan Peck *tuba, tuba amplificada*  
Tom Blancarte *contrabaixo, eufónio*  
Sam Pluta *eletrónica, voz, trombone*  
Jim Black *bateria, eletrónica*  
Ian Antonio *percussão*

**SEXTA | 9 AGOSTO**

**Anthony Braxton Falling River Music Quartet (E.U.A., Alemanha)**

\*Estreia em Portugal

Anthony Braxton *saxofones, clarinetes, composição*  
Mary Halvorson *guitarra elétrica*  
Ingrid Laubrock *sax tenor, soprano*  
Taylor Ho Bynum *trompete, corneta*

**SÁBADO | 10 AGOSTO**

**Mary Halvorson Quintet (E.U.A.)**

\*Estreia em Portugal

Mary Halvorson *guitarra elétrica*  
Jonathan Finlayson *trompete*  
Jon Irabagon *sax alto*  
John Hébert *contrabaixo*  
Ches Smith *bateria*

**DOMINGO | 11 AGOSTO**

**Pharoah & The Underground (E.U.A., Brasil) «São Paulo and Chicago Underground with PHAROAH SANDERS»**

\*Estreia em Portugal

Pharoah Sanders *sax tenor, soprano*  
Rob Mazurek *corneta, eletrónica*  
Guilherme Granado *teclados, eletrónica, samples*  
Mauricio Takara *bateria, percussão, eletrónica*  
Matthew Lux *baixo elétrico*  
Chad Taylor *bateria*

**FILMES | DOCUMENTÁRIOS**

Sala Polivalente | Entrada livre

**SÁBADO | 3 AGOSTO | 18:30**

**DOMINGO | 4 AGOSTO | 18:30**

**Ciclo John Zorn**

**John Zorn's Treatment for a Film in Fifteen Scenes**

*Well Then There Now* de Lewis Klahr, 2011, 13'

*Bare Room* de Joey Izzo, 2011, 31'

*15 scenes: 254 shots* de Gobolux (KimSu Theiler, Andrew Nelson) 2011, 14'

*Arcana* de Henry Mills 2011, 30'

**SEGUNDA A SEXTA | 5-9 AGOSTO | 18:30**

**Série documental sobre uma história do Jazz em Portugal  
*aTensãoJazz***

Rui Neves e Paulo Seabra

**SÁBADO | 10 AGOSTO | 18:30**

**Concertos Históricos no Jazz em Agosto – (Arquivo RTP)**

**World Saxophone Quartet (1987)**

**DOMINGO | 11 AGOSTO | 18:30**

**Concertos Históricos no Jazz em Agosto – (Arquivo RTP)**

**Sun Ra Arkestra 1985**



Pharoah Sanders © DR



Dillon Marsh, *Limbo*, 2012

## África Presente

*Até ao dia 1 de setembro, as galerias de exposições temporárias da Sede mostram a diversidade do continente africano, através do olhar de dezenas de fotógrafos selecionados para a exposição pan-africana da 9.ª edição dos Encontros de Fotografia de Bamako e para a exposição Present Tense, ambas realizadas no âmbito do Programa Gulbenkian Próximo Futuro, que no verão de 2013 é essencialmente dedicado à criação artística no Sul de África.*



Hasan and Husain Essop, *Fast Food [Halaal Art]*, 2008-2009



Pieter Hugo, *Permanent Error*, 2009-2010



Bruno Hadjih, *Terra Incognita*, 2005-2011

**N**o acervo da bienal de fotografia africana, que o Mali apresentou em 2011 e que agora se mostra em Portugal, encontramos trabalhos muito variados que refletem sobre “a busca de um mundo sustentável”, tema proposto para a 9ª edição dos Encontros de Fotografia de Bamako. O resultado deixa transparecer a forma como as preocupações ecológicas passaram a fazer parte do quoti-

diano, num continente onde em muitos países se está longe de atingir os mínimos exigidos pelo Protocolo de Quioto. Com centenas de fotografias e vídeos, nesta mostra que ocupa toda a galeria superior de exposições temporárias da Sede da Fundação, cerca de 50 artistas africanos dão-nos a ver o estado do mundo através do seu olhar.



Filipe Branquinho, *Chapa 100* (pormenor), 2013

Numa galeria distinta da Sede, a exposição *Present Tense – Fotografias do Sul da África* reúne o trabalho de 14 artistas de países como a África do Sul, mas também Angola ou Moçambique, que representam três gerações de fotógrafos que começaram a trabalhar no período pós-apartheid. Nos trabalhos aqui apresentados evidenciam-se as tensões contemporâneas numa região do mundo onde a realidade de cada país não se distingue visual ou culturalmente, apesar de vigorarem nesses países diferentes regimes políticos, taxas de crescimento assimétricas e a configuração das suas cidades ser múltipla.

A partir de 18 de setembro, a exposição **Present Tense** poderá também ser vista em Paris, na Delegação em França da Fundação Gulbenkian. ■



Mack Magagane, *Light Hours*, 2010



Tsvangirayi Mukwazhi, *Granite Mining in Angola*, 2009



Velório Chileno © Valentin Saldivar

## Teatro e música a fechar os espetáculos do Próximo Futuro

**N**os primeiros dias de julho assistiremos aos últimos espetáculos de teatro que o Próximo Futuro apresenta este verão, no São Luiz Teatro Municipal e no Teatro do Bairro, parceiros nesta programação.

Da América do Sul chega Velório Chileno, que nos transporta para a década de 70, pondo em cena dois casais em comemoração do golpe de estado de Pinochet, numa atmosfera que vai transformando a euforia em ressentimento e frustração. Trata-se de mais uma peça de teatro fundamental no repertório contemporâneo chileno, que tem feito um trabalho notável sobre a história recente do seu país, com invulgar sucesso junto da crítica e do público. Para ver no Teatro do Bairro, nos **dias 5 e 6**.

No Teatro São Luiz, a **7 de julho**, apresenta-se em estreia a peça *África Fantasma II*, de João Samões, onde África se transforma num lugar de representações imaginárias. Com interpretações de Joana Bárcia e de Miguel Borges, e um título que remete para o diário africano do etnólogo e escritor surrealista Michel Leiris, a peça revela as marcas e os laços indissociáveis entre a expansão colonial e a construção da modernidade e da vanguarda artística na Europa.

No dia **7 de julho**, a programação de espetáculos do Próximo Futuro termina na Fundação Gulbenkian, com a realização no Anfiteatro ao Ar Livre do concerto de Konkoma, uma banda com raízes no Gana da década de 70, que mistura *afro-funk*, *jazz*, *soul* e ritmos tradicionais africanos. ■



## Grandes Lições

**N**este mês de julho em que as atividades do Próximo Futuro se podem ver na Fundação Calouste Gulbenkian e noutros espaços de Lisboa, destacamos a edição de *Grandes Lições*, um livro que reúne textos representativos do pensamento crítico e transversal a várias disciplinas que desde 2009 caracteriza este Programa Gulbenkian. As variadas origens e histórias dos autores dos textos que compõem o livro são o testemunho da visão global do Próximo Futuro, sempre voltado para a investigação e criação artística na Europa, na América Latina e Caraíbas e em África. As centenas de artigos publicados no jornal do Próximo Futuro e as incontáveis contribuições que enriqueceram os muitos *workshops*, observatórios, intervenções e atividades foram a fonte à qual este livro foi beber, acabando por reunir 18 textos que pretendem, no seu todo, mas também em si mesmos, ser uma ferramenta de trabalho que propõe diversas interpretações de factos contemporâneos.

O intercâmbio promovido pelo Próximo Futuro entre várias sensibilidades artísticas, geográficas e filosóficas significa que este livro, desenvolvido ao longo de dois volumes, é uma compilação de pluralidade na qual a única constante é a interrogação e a abertura de pensamento. O pós-liberalismo, o colonialismo, a Primavera Árabe e o futuro de África e da América Latina são alguns dos temas sobre os quais refletem os textos do primeiro volume deste livro, da autoria de Abdelwahab Meddeb, Alan Pauls, Alexandra Barahona de Brito, Benjamin Arditi, Elikia M'Bokolo, Eucanaã Ferraz, Gustavo H. B. Franco, Helena Carvalhão Buescu e Patrick Chabal, bem como as fotografias de Pauliana Valente Pimentel, onde a arte, a poesia e a literatura nunca andam muito longe.

Para além de contribuir para a formulação e publicação de novas teorias críticas, este livro é também, como defende Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, na sua introdução, “um testemunho de uma época, um *corpus* histórico de origem interdisciplinar e multilinguística, enriquecedor para pensar e agir com alguma urgência.” Um texto de António Pinto Ribeiro, coordenador geral do Próximo Futuro, que remonta ao ano em que o programa foi lançado, ajuda a perceber quais foram as metas a que então se apontou e a fazer um balanço destes quatro anos de dedicação à cultura contemporânea em diversos pontos do globo. ■

### OUTRAS EDIÇÕES:

**Teorias contemporâneas da tradução – Uma abordagem pedagógica**

Anthony Pim

**Ramalho Ortigão e o culto dos monumentos nacionais do século XIX**

Alice Nogueira Alves

**Estudo do impacto das interações educadora-criança no envolvimento das crianças com necessidades educativas especiais em contexto de creche e de jardim-de-infância**

Maria Catarina Leite Rodrigues Grande



## Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

**K**urt Schwitters (1887-1948) chegou à Grã-Bretanha, o país onde passou os últimos anos de vida, em junho de 1940. Acabava assim uma fuga iniciada em 1937, que o fez passar também pela Noruega, para escapar à perseguição do partido nazi que governava a sua Alemanha natal e que, em 1933, tinha classificado a sua produção artística como “degenerada”, incluindo algumas obras suas na exposição realizada sob os auspícios de Goebbels, ministro da propaganda do Governo de Adolf Hitler. A exposição coorganizada pela Tate Britain (Londres), onde foi primeiro inaugurada, pode agora ser visitada – até 25 de agosto – no Sprengel Museum de Hanôver, a cidade onde Schwitters nasceu. ***Schwitters in Britain*** é a primeira grande exposição que é dedicada às obras que Kurt Schwitters produziu na última fase da sua vida, desde a sua permanência no campo de internamento da ilha de Man, onde ficou durante algum tempo após a sua chegada, até se instalar no Lake District, onde faleceu, tendo passado por Londres, onde expôs individualmente em 1944. São apresentadas mais de 180 peças, entre as quais alguns quadros – retratos e paisagens –, pintados durante a sua estadia no campo de internamento, e revela-se ainda todo o processo que envolveu um dos projetos mais conhecidos de Schwitters, o seu celeiro “Merz”. O catálogo que acompanha esta exposição é coordenado pelas suas curadoras Emma Chambers (Tate) e Karin Orchard (Sprengel M.), que assinam dois dos sete ensaios que o compõem, juntamente com as reproduções (a cores) das obras expostas, uma cronologia ilustrada e uma pequena bibliografia selecionada. ■



**N**ão é usual ver um museu de artes visuais e/ou decorativas organizar uma exposição sobre uma estrela do universo pop-rock. No entanto, foi isso mesmo que o londrino Victoria & Albert Museum (V&A) fez, organizando a primeira grande retrospectiva dedicada a David Bowie (n. 1947), um músico e *performer* criativo e singular e um dos ícones da cultura popular contemporânea. Aos dois curadores do departamento de Teatro e Performance do V&A, Victoria Broackes e Geoffrey Marsh, foi dado não só o acesso ao arquivo pessoal de Bowie, como a liberdade total para escolher cerca de 300 objetos tão variados como fatos – incluindo os criados em 1972 para a personagem Ziggy Stardust –, fotografias, filmes, *videoclips*, manuscritos de letras de canções, instrumentos musicais e cenários de concertos, com os quais se montou a exposição ***David Bowie is***, visitável até ao final de agosto. Todos os que não puderem deslocar-se a Londres, podem ter um vislumbre da exposição consultando o catálogo magnífico que a acompanha, em cuja capa de um cor laranja vivo se pode ver uma fotografia de David Bowie, para o álbum *Aladdin Sane* (1973). Coordenado editorialmente pelos curadores da exposição, que assinam dois dos ensaios, este livro-catálogo, profusamente ilustrado, traça a história e o percurso artístico de Bowie, focando as suas relações com outros artistas e analisando a sua influência e impacto nas artes visuais e performativas e na cultura contemporâneas através dos ensaios de Christopher Frayling, Mark Kermode, Philip Hoare, Howard Goodall, Camille Paglia e John Savage; contém igualmente uma bibliografia. ■



# Museu Calouste Gulbenkian

## ***Figura monumental de Jean d'Aire vestido***

**J**ean d'Aire é uma das seis figuras do monumento dedicado aos burgueses de Calais, encomendado em 1884 por esta cidade francesa ao grande escultor Auguste Rodin. O monumento destinava-se a evocar o passado glorioso da cidade, homenageando os heróis que a defenderam no início da Guerra dos Cem Anos, um dos maiores conflitos militares da Idade Média, que decorreu entre 1337 e 1443. Rodin inspirou-se no episódio descrito pelo cronista Jean Froissart, quando o rei de Inglaterra Eduardo III, apostado em conquistar França, cercou a cidade fortificada de Calais, deixando os seus habitantes à míngua de alimentos.

O Rei pretendia uma rendição incondicional dos habitantes da cidade, mas acabou por aceitar libertá-la desde que seis dos seus cidadãos mais notáveis se apresentassem no seu campo de batalha como reféns, vestidos de serapilheira e unidos por cordas, munidos das chaves da cidade e do castelo. A história acabou por ter um final feliz graças à intervenção da rainha Filipa, bondosa de caráter e temente a Deus, para quem este desfecho fatal seria de mau augúrio para o filho que transportava no ventre.

Rodin retratou os seis homens no momento em que se dispunham a abandonar a Praça do Mercado, a caminho da execução. O grupo era liderado por Eustache de Saint-Pierre, logo seguido por Jean d'Aire, o segundo a oferecer-se e aquele que segurava as chaves da cidade.

Através deste monumento, Rodin revolucionou o conceito de estatuária pública e a tradição de monumento que vigorava desde o Renascimento. Abandonando a habitual construção em pirâmide, com o herói no topo, Rodin colocou as seis figuras ao mesmo nível e ao nível do olhar do espetador, abolindo o pedestal. Atribuiu aos seis burgueses uma identidade diferente, tanto a nível físico como psicológico, representando os heróis como seres humanos, com as suas fraquezas próprias. Apresentou-os na sua solidão, unidos por um destino comum, mas sozinhos perante a morte inexorável. E não hesitou em exagerar as características anatómicas das figuras para aumentar o impacto emocional do grupo.

Jean d'Aire é de entre todos os seis burgueses aquele que melhor domina as suas emoções. Com o olhar fixo, os olhos encovados, as maçãs do rosto salientes, a boca e os lábios finos, ele personifica a dignidade e a determinação. Enverga uma veste monacal, assumindo o papel de mártir cristão, em que a verticalidade das pregas da sua túnica denuncia a verticalidade do seu caráter. Sendo a figura mais monumental do grupo, com 2,07 metros de altura, tornou-se também a mais popular e a que maior número de réplicas teve. O exemplar em exposição no Museu Calouste Gulbenkian foi conservado pelo próprio artista até à morte, em 1917, o que demonstra o seu caráter de exceção entre as várias réplicas de figuras isoladas executadas por Rodin. Calouste Gulbenkian adquiriu-o no ano imediato, através do conhecido comerciante de arte Paul Rosenberg.

Exposta ao ar livre desde a inauguração do Museu em 1969, no pátio adjacente ao átrio de entrada, esta escultura foi recentemente trazida para o seu interior, maioritariamente por razões de conservação. A mudança revelou-se todavia vantajosa a vários níveis, permitindo uma aproximação do visitante, que assim a poderá admirar em melhores condições de visibilidade. ■

**Rosa Figueiredo**

**François Auguste Rodin** (1840-1917)

***Figura monumental de Jean d'Aire vestido***, 1887

Bronze, fundição Alexis Rudier, cera perdida, 1913

A. 207 cm; L. 74 cm; 68 cm

Proveniência: Coleção de Auguste Rodin (nº 2748).

Adquirida a Paul Rosenberg, Paris, 8 Fevereiro 1918.

Museu Calouste Gulbenkian, N.º. Inv. 567



02 – 11 / JAZZ EM AGOSTO 2013 / LISBOA

# Jazz em Agosto

30<sup>a</sup>  
edição

The  
Thing  
XXL

John  
Zorn

Anthony  
Braxton

Pharoah  
Sanders  
& The  
Underground

Peter  
Evans

e  
mais

GULBENKIAN  
MÚSICA

[musica.gulbenkian.pt/jazz](http://musica.gulbenkian.pt/jazz)



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN